

EXPOSIÇÃO NO MAM BAHIA REÚNE PINTURAS APURADAS QUE PROVOCAM REFLEXÃO E DÚVIDA

POR LEANDRO FAZOLA

Um flerte com a morte. Esta poderia ser uma das definições para a obra do artista Fábio Magalhães. De forma mais literal, tal flerte se evidencia na obra "Encontro", em que pinta o mesmo em um cadáveres beijo com um crânio humano. Esta obra parece falar muito da produção do artista. Se a dúvida pairava em Hamlet diante do crânio em seu célebre "ser ou não ser, eis a questão", a mesma pergunta não ter espaço na forma precisa com a qual o baiano se atira em seu encontro com a vânditas, tanto na obra mencionada quanto em grande parte de sua produção. Nascido em Salvador, Magalhães se consolidou no circuito ao apresentar trabalhos emblemáticos, carregados de mistério, cruza e um confronto direto com a efemeridade da vida. Em exposição em sua cidade natal, o artista não grandes pinturas de sua produção mais recente (2010-2015) que dão um curto panorama de seu universo de imagens densas, sempre aliadas a uma técnica que vem impressionando o público. Não é incomum que observadores confundam suas pinturas com fotografias, crueza e um confronto direto com a efemeridade da vida. Em exposição em sua cidade natal, o artista não grandes pinturas de sua produção mais recente (2010-2015) que dão um curto panorama de seu universo de imagens densas, sempre aliadas a uma técnica que vem impressionando o público. Não é incomum que observadores confundam suas pinturas com fotografias.

Cabeira da mostra, Alejandra Muñoz situa o artista em "uma geração que



Ilustração: Instituto VRI, 2009. Autor: Afago, 2014.



repositório e pintura figurativa, por vezes buscando a iconoclastia dos gêneros tradicionais do retrato, da natureza morta e da paisagem. Instrumentada pelo virtuosismo técnico, é uma pintura que desmonta o factual e o anedótico para revelar aspectos incômodos do cotidiano, tabus e universos psíquicos que, frequentemente, operam como um vórtice sobre o observador."

Fábio coloca o corpo - principalmente o seu próprio corpo - no centro de sua poética. E corpo, aqui, se refere ao que está tem de mais literal. Num intenso jogo de formas e cores, o artista não se furta a apresentá-lo de forma latente, vísceras, carne, fragmentos de órgãos destruídos compõem uma relação paradoxal em que,

se por um lado repugnam, por outro seduzem. A surpresa surge pelo tom lírico das obras. Normalmente envoltas na alvura imaculada de espaços comumente descartadas. Esta primeira etapa de construção no ateliê, Magalhães chama de "simulação do ato". Em seguida vem o ato fotográfico, que geralmente é realizado por outra pessoa ou até mesmo pelo próprio autor, no momento da câmera. Quando terceiros participam do processo, o artista permite, por vezes, que eles o façam livremente, buscando as condições físicas e psicológicas que sempre presentes. O devaneio abre espaço em meio à realidade dura que se instala a partir da carne. "meu trabalho fala do irreal das coisas que não se vê, do que está fora do pensamento lógico para ir para no terreno das sensações, dos devaneios e sonhos lúcidos".

Adriana, Exposição, 2014. A cabeça - Ilustração - e o corpo de Fábio, 2015.

Artigo

Mídia: Revista

Autor: Fazolla, Leandro

Edição: 47 - abril 2016

Página: 26 - 30

Fonte: Revista Das Artes.

de sua produção mais recente (2010-2015) que dão um curto panorama de seu universo de imagens densas, sempre aliadas a uma técnica que vem impressionando o público. Não é incomum que observadores confundam suas pinturas com fotografias. Curadora da mostra, Alejandra Muñoz situa o artista em "uma geração que reposiciona a pintura figurativa, por vezes beirando a iconoclastia dos gêneros tradicionais do retrato, da natureza morta e da paisagem. Instrumentada pelo virtuosismo técnico, é uma pintura que desmonta o factual e o anedótico para revelar aspectos incômodos do cotidiano, tabus e universos psíquicos que, frequentemente, operam como um vórtice sobre o observador." Fábio coloca o corpo - principalmente o seu próprio corpo - no centro de sua poética. E corpo, aqui, se refere ao que este tem de mais literal. Num intenso jogo de formas e cores, o artista não se furta a apresentá-lo de forma latente: vísceras, carne, fragmentos de órgãos destruídos compõem uma relação paradoxal em que, se por um lado repugnam, por outro seduzem. A surpresa surge pelo tom lírico das obras. Normalmente envoltas na alvura imaculada de espaços

completamente brancos e aparentemente esterilizados, as imagens apresentadas acabam por se situar em um campo etéreo. Este tom torna as composições do artista difusas e misteriosas, mesmo que com certo horror sempre presente. O devaneio abre espaço em meio à realidade dura que se instala a partir da carne: "meu trabalho fala do irreal, das coisas que não se vê, do que está fora do pensamento lógico, pois reina no terreno das sensações, dos devaneios e sonhos lúcidos". O processo para que as obras aconteçam é longo e minucioso, já que o artista constrói em seu ateliê, da forma mais real possível, as situações que posteriormente transformam-se em pintura. Para trazer maior vivacidade a estas "cenas", Fábio visita abatedouros e açougues para recolher vísceras, sangue, cabeças e outras partes de animais já abatidos para o consumo humano, muitas das quais são comumente descartadas. Esta primeira etapa de construção no ateliê, Magalhães chama de "simulação do ato". Em seguida vem o ato fotográfico, que geralmente é realizado por outra pessoa ou até mesmo pelo próprio autor, no momento da câmera. Quando terceiros participam do processo, o artista permite,

por vezes, que eles o façam livremente, buscando os ângulos e enquadramentos que desejarem, e depois procura recortes dentro das imagens produzidas. Sobre essa etapa, o artista explica à Dasartes: "não vinculo essas imagens como fotografias, penso nelas como um meio para chegar à pintura. Me acompanham até uns 40% do processo. Então, são abandonadas, destruídas ou vão para uma espécie de arquivo pessoal que chamo de 'baú dos horrores'. A pintura me toma e dirige os processos. É só sentar em frente e ouvir, ela vai me ditando o que precisa ser feito". A partir daí, Fábio usa um "repertório de condições psíquicas" na busca pela imagem/corpo. E mesmo que seu próprio corpo esteja presente, ele explica:

com obras como as da série "Retratos Íntimos", em que órgãos são mostrados em destaque, arrancados da unidade do corpo ao qual pertenciam? Como não se incomodar com uma língua arrancada presa por um laço de plástico, ou então com um pedaço de carne pendurado por um fio? Ou, mais ainda, por fragmentos não identificados que, pendendo dentro de um saco plástico, permitem prever toda a sorte de tragédias passadas por um corpo que, destituído do sopro vital, torna-se apenas um objeto, como os muitos das mesas de pesquisas de um laboratório de anatomia. Ainda assim, há uma espécie de desejo que instiga o espectador a se aproximar cada vez mais da obra do artista, talvez o mesmo desejo que levou os espectadores de outrora ao fascínio com as fotografias de acidentes de carros de Andy Warhol. Este impulso ao encontro com as imagens que nos são oferecidas pelo artista se torna ainda maior quando Magalhães nos conduz à dúvida. Quando utiliza - com maestria técnica, é importante enfatizar - as imagens dos sacos plásticos para acondicionar os órgãos que registra, o pintor instiga o observador a tentar definir o que está sendo exibido, deduzir as partes que se deixam entrever entre as dobras e o reflexo do plástico que, tal qual a esfinge de Édipo, parece o tempo todo desafiar: decifra-me ou te devoro. Mas, neste caso, decifrar nem sempre é chegar ao sucesso. Pelo contrário, decifrar pode arremessar o espectador em cenas claustrofóbicas que apenas aumentam a angústia que sentia pela desinformação. Na foto de um trabalho ainda inacabado divulgada em uma rede social, o artista exhibe seu próprio corpo nu, sentado dentro da carcaça aberta de um porco, que pende do teto. No chão, um amontoado de vísceras e órgãos do animal ("Certa vez li que, com suas devidas proporções, os porcos têm as vísceras mais semelhantes às humanas",

conta Magalhães). A imagem, impactante, ao mesmo tempo em que se apresenta de forma bastante literal, pode servir de analogia para a produção de um artista que cria um repertório cada vez mais consistente, coeso e, ao se aproximar mais e mais de seu flerte com a morte, funde seu próprio corpo e a arte, numa relação em que esta última, de forma quase luxuriante, se curva a seus pés.